

O diálogo inter-religioso

irmão Johannes

Há quem pense que o diálogo inter-religioso é para especialistas, mas não é. Não está reservado aos intelectuais e não é assim tão complicado. Qualquer pessoa de boa vontade pode participar nele. Pode mesmo dizer-se que qualquer crente que procura o bem de todos nele deveria envolver-se de uma maneira ou de outra.

Contudo, o diálogo inter-religioso não é tão simples quanto isso. Basta fazer uma breve análise dos dois termos para nos apercebermos um pouco melhor da complexidade deste diálogo.

Dialogar significa falar e ouvir, dar e receber, sem saber aonde vai chegar a conversa. A maior parte de nós sabe, por experiência própria, o quanto isto é difícil. Algo que era suposto começar como um diálogo pode rapidamente transformar-se em conflito, em monólogos paralelos ou em tentativas mútuas de persuasão da correcção do seu ponto de vista.

Para que um diálogo seja inter-religioso, os participantes devem, evidentemente, ser crentes e professar religiões diferentes. A neutralidade não é opção. Os não crentes só podem falar de religião enquanto fenómeno humano. Um discurso deste tipo tem o seu valor enquanto análise sociológica ou psicológica, mas nada tem a ver com diálogo. O diálogo também não pode envolver pessoas da mesma religião. Pensamos, por vezes, que o diálogo entre protestantes e ortodoxos é mais ou menos a mesma coisa que o diálogo entre cristãos e budistas. Trata-se de uma confusão de termos. O encontro de cristãos de diferentes tradições chama-se ecumenismo. Pode fazer-se no mesmo espírito que o diálogo inter-religioso, mas está longe de ser a mesma coisa.

Assim, é preciso pelo menos duas religiões diferentes para que haja diálogo inter-religioso e cada interlocutor deve professar a religião que representa. Claro que à primeira vista isto pode parecer um pouco intimidante: «Tenho de ter fé.» - que fazer então se não tenho a certeza de acreditar? Posso participar na mesma neste diálogo? Sim, excepto se tiver a certeza de não acreditar.

A religião ela própria é um tema complexo. São muitas realidades reunidas numa só: fé metafísica, crença intelectual, expressão cultural, quadro de uma identidade histórica, escape de emoções fortes, a fonte escondida de uma boa parte da nossa estrutura mental. Neste contexto, ninguém é imparcial. Um indiano materialista agirá (e frequentemente pensará) como um hindu, do mesmo modo que um não-crente do Ocidente partilhará com os cristãos muitos sentimentos e afectos. Intelectualmente, podemos ser objectivos, mas culturalmente isso é muitas vezes impossível.

Separar o debate cultural, ético e político do debate religioso no seio das nossas sociedades multi-culturais revela-se uma tarefa árdua. Não é menos difícil separar os diferentes fios da trama de emoções, identidade cultural, costumes ou fé no interior de nós mesmos. Mas se calhar não é necessário fazê-lo. Em nós haverá sempre dúvidas e hesitações. O esclarecimento aumenta com o compromisso, por muito pequena que seja o nosso entendimento. Assim sendo, o diálogo inter-religioso não é aquilo que acontece entre os crentes e aqueles que querem crer?

Neste ponto da nossa reflexão, alguns defenderão que ela não é realista. O próprio conceito de diálogo inter-religioso parece-lhes uma contradição nos termos. Para os que pensam que Cristo salva só os crentes e

deixa perecer os não crentes, entrar em diálogo não faz qualquer sentido. O mesmo é válido para os que estão convencidos de que o único caminho para a liberdade passa pelo nobre caminho de Buda ou ainda para os que não têm qualquer dúvida quanto ao destino reservado aos que não observam a mensagem definitiva dada por Deus no Corão.

Este tipo de atitude foi frequentemente a predominante. Mas não é verdade que seja preciso abandonar, com vista a um diálogo inter-religioso, qualquer pretensão de conhecer a verdade. Ao contrário do que temos tendência a pensar, os crentes do passado não se limitaram a lutar uns com os outros para se tentar converter mutuamente. Já na Idade Média houve gente que pensou nas modalidades de um diálogo verdadeiro com crentes de outras tradições, mesmo estando convencida dos fundamentos da sua própria fé. Mesmo numa história das religiões infelizmente repleta de conflitos, existiu sempre uma alternativa, paradoxal é certo, mas que foi sempre uma opção, apesar de tudo. Nas páginas que se seguem, gostaríamos de deixar entrever esta opção e ilustrá-la, no final de cada capítulo, com um exemplo concreto de diálogo.

A nossa perspectiva é cristã e, ainda que não ignoremos as religiões orientais, em particular o budismo e o hinduísmo, concentramo-nos aqui, antes de mais, no diálogo com os muçulmanos. Esse diálogo pode comparar-se a três círculos ligados entre si e que conduzem uns aos outros: implicando inevitavelmente ideias e palavras, este diálogo não se alimenta só de ideias e palavras, mas de acções. E não só de ideias, de palavras e de acções, mas também de contemplação e silêncio. O diálogo não vale nada se não incluir tudo isto, numa ou noutra etapa do seu percurso.

1º círculo: um diálogo de vida

A primeira imagem que nos vem à cabeça quando ouvimos falar de diálogo inter-religioso é provavelmente a de um grupo de sábios reunidos à volta de uma mesa a discutir questões de doutrina. Mas considerar apenas esta imagem pode dar-nos uma visão deturpada do que é o diálogo inter-religioso. Substituamos esta imagem por outra, por exemplo a de um homem muçulmano que empurra a cadeira de rodas de uma mulher cristã. Aqui temos a imagem de um diálogo de vida.

Qualquer que seja a nossa religião, vivemos na mesma terra e temos as mesmas necessidades fundamentais. Toda a gente tem a mesma necessidade de comida, de um ambiente pacífico, de amor e de reconhecimento – cristãos, budistas, muçulmanos e hindus. Há muito poucas diferenças entre as necessidades básicas de um muçulmano oprimido e esfomeado e as de um budista nas mesmas condições. Todas as grandes religiões do mundo dão grande importância ao serviço dos fracos e dos oprimidos. O Islão, para referir apenas esta religião, revela uma profunda paixão pela justiça e pela igualdade. Os primeiros muçulmanos consideraram o Islão como uma vasta fraternidade. Defendiam uma vida simples, ou mesmo ascética, até entre os notáveis. Este modo de vida pode não ter durado muito, mas o ideal de simplicidade de vida, de justiça social e de solidariedade entre os crentes perante Deus continua a ser uma forte corrente no Islão.

Isto relembra aos cristãos um tema recorrente do Antigo Testamento: o apelo a cuidar dos órfãos e das viúvas, a dar esmola e a não esquecer os pobres da terra. (Êxodo 23, 6; Deuterónimo 15, 7-10; Isaías 58, 6-9...). Este apelo é muito frequente na Bíblia hebraica e desempenha um papel muito importante nos ensinamentos de Jesus (Lucas 11, 41; Mateus 19, 21). A tónica posta na compaixão para com os outros, particularmente forte no Islão, no Judaísmo e no Cristianismo, tem um lugar de destaque no Budismo e também está presente no Hinduísmo.

Assim, é possível que uma pessoa se mantenha fiel à sua religião estando ao serviço daqueles que necessitam, ao lado de crentes de outras religiões. Não se procura saber se os outros estão «certos» ou «errados» na fé, porque têm «razão» em agir como agem.

Há tantas coisas que se podem fazer em conjunto sem ferir a consciência religiosa de cada um. São tantos os que sofrem, perto ou longe, nas pequenas coisas do dia-a-dia e nos grandes cataclismos da História. Ao nosso lado, somos confrontados com os problemas das nossas sociedades. Longe, com as vítimas de perseguição, os estados na bancarrota, os pobres do terceiro mundo. Onde quer que estejamos, encontramos pessoas marginalizadas, deficientes, idosas, sós ou abandonadas, mulheres vítimas de abusos, crianças de que ninguém toma conta, toxicodependentes, famílias divididas, pobres.

Não há nada mais urgente que estabelecer uma base de confiança entre os fiéis das diferentes religiões. Isto pode fazer-se deixando de lado as ideias, as palavras e as convicções, por vezes demasiado carregadas de história, para se fazer simplesmente o bem. Existe um forte consenso a este respeito, como dirá quem quer que tenha experimentado um diálogo de vida assim.

Mas são coisas que não acontecem sem esforço. A par das complicações humanas e práticas que surgem em qualquer tipo de trabalho comunitário, levantam-se questões relacionadas com símbolos e atitudes, códigos de vestuário, comunicação, vida de oração. Dado que os gestos simbólicos de reconhecimento são de uma importância vital, tem de se encontrar um equilíbrio: as duas partes são igualmente chamadas a dar e a receber. No início poderá surgir o medo de se ser forçado a fazer o que não está «certo» aos olhos da sua tradição.

Mas são os gestos recíprocos continuados que criam confiança mútua. Um diálogo de vida não implica necessariamente falar de religião, mas também não implica ignorá-la ou fazer dela uma questão privada. Neste caso, deixa de ser diálogo e corre o risco de ser reduzido simplesmente a uma acção social.

Para que haja diálogo, a participação de cada um deve basear-se na sua própria fé. Cada um deve compreender que ao se comprometer desta forma põe em prática os princípios fundamentais da fé que professa. A fé de cada um sai reforçada, não à custa da fé dos outros, mas com ela.

Um exemplo concreto de diálogo de vida pode encontrar-se em Mymensingh. Nesta aldeia do Bangladesh vivem há muitos anos alguns irmãos da comunidade de Taizé. O Bangladesh é um país de maioria muçulmana, com uma população hindu considerável e com uma pequena percentagem de cristãos e budistas. Ainda que a cultura bengali se caracterize por uma forte tradição de tolerância, só muito raramente estas diferentes comunidades se misturam. O nosso trabalho junto dos mais carenciados, de pessoas deficientes, revelou-se, neste contexto, uma extraordinária oportunidade de encontro.

Há uma dezena de anos criámos um centro de acolhimento para pessoas deficientes. A equipa deste centro é composta por muçulmanos, cristãos e hindus. Encontram-se regularmente para partilhar experiências relacionadas com o seu trabalho, com a maneira como este afecta as suas vidas e a forma como olham para os outros. Quase nunca falam de religião, mas sentem de forma intensa que a sua obra comum tem uma dimensão espiritual. O trabalho neste centro é eminentemente prático, físico até: ajudar as pessoas a pôr-se de pé, a andar ou a sentar-se na sequência de um acidente causador de paralisia, ajudar os deficientes a ganhar a sua vida, fazer visitas domiciliárias, fazer provas de próteses.

Paralelamente, no quadro de um outro programa, os pais de crianças deficientes mentais encontram-se uma vez por mês para partilhar as suas experiências. Durante muitos anos este encontro teve lugar atrás da nossa capela, no jardim. A maior parte dos participantes são muçulmanos, muitos dos quais com uma vida muito dura nos bairros de lata. A fé tem um papel importante nas suas vidas. Muitas mães usam véu islâmico, embora o tirem quando chegam porque se sentem em casa. Partilhar os fardos e as alegrias aproxima-os uns dos outros. Os auxiliares a quem confiamos os seus filhos durante o tempo de partilha são maioritariamente cristãos. Muitos deles pertencem a minorias étnicas.

A confiança entre os pais foi crescendo e neste momento estão preparados para falar das suas dificuldades, dos seus momentos de alegria e para se escutarem mutuamente. Muitos compreendem o impacto espiritual do que vivem, ainda que nem sempre encontrem palavras para o exprimir. Dirão: «Vou rezar por vocês», e pedirão que façam o mesmo por eles, sem procurar saber se estão a falar com católicos, hindus ou muçulmanos.

Mais do que sobrevalorizar os conflitos que dilaceram a família humana, os crentes das diferentes religiões do mundo podem trabalhar juntos pela paz, pondo em prática o ideal de serviço e de luta em favor dos mais carenciados presente nas suas respectivas tradições. O diálogo de vida é indispensável a qualquer diálogo verdadeiro, porque se preocupa mais em aliviar a dor e em curar as feridas do que em construir um pensamento «correcto». Adicionalmente tem também a função de importante contraponto relativamente ao pensamento teórico.

2º círculo: um diálogo do pensamento

Retomemos agora a imagem dos sábios e modifiquemo-la ligeiramente: à volta da mesa já não estão sábios, mas amigos – pessoas como quaisquer outras – com um conhecimento comum das questões religiosas, como a maior parte de nós. Suponhamos que esses amigos acabaram de voltar de uma acção comunitária – num centro de acolhimento para pessoas deficientes ou pessoas sem-abrigo, por exemplo. É um encontro em torno de uma chávena de chá – alguns são muçulmanos, outros cristãos. Poderá ser o momento de fazer algo profundamente humano: explicar a si mesmo e aos outros o que se fez, porque se fez e qual a relação entre isto e a sua fé.

É aqui que o indivíduo, com a sua pequena jangada, toca no vasto continente da tradição e do tempo. É um momento delicado. O muçulmano, tal como o cristão, está enraizado numa grande comunidade de pensamento, e de preconceitos, que existe há séculos. Não é seguro que tenha compreendido tudo o que lhe foi ensinado ou que possa levar o diálogo a bom porto sem magoar o outro. Perante isto muitos sentem-se tentados a evitar a conversa. Não será melhor ficar-se simplesmente por um trabalho comum?

Mas não pode ser assim. Somos seres pensantes e as nossas vidas estão estruturadas pelo pensamento. Todas as nossas crenças religiosas estão definidas e delimitadas por textos, mandamentos, tradições, ritos, uma ética e uma filosofia. Os aspectos centrais da nossa fé estão sem dúvida nisto e para além de tudo isto, mas nem por isso são menos reais. Tudo o que fazemos passa por palavras e conceitos, que são regidos pelas leis da nossa inteligência. Precisamos de pensar bem nas coisas.

Eis a razão pela qual os nossos amigos deverão entrar, mais cedo ou mais tarde, num diálogo de pensamento. Vão querer saber se, na verdade, estão tão próximos como parece, ou se estão afastados uns dos outros, tal como lhes é frequentemente sugerido pelas pessoas e situações. Vão querer analisar as suas acções e as suas experiências a partir da sua inteligência e ver se existe uma base que possa estruturar a unidade de que se aperceberam ao trabalharem juntos.

Não é preciso ser sábio para isto. Mas não é por isso que estamos dispensados de usar a cabeça. O diálogo do pensamento é um processo lento, árduo, no qual é preciso estar atento aos detalhes de vocabulário e de terminologia. O que é que foi dito exactamente? Será que foi compreendido correctamente? Estarei a apresentar objectivamente a fé da minha comunidade ou será que estou apenas a apresentar as minhas opiniões pessoais? Quais são os pressupostos subjacentes às ideias que expressamos?

É provável que este diálogo ponha a nossa fé à prova. Este teste não deverá provocar agitação ou indignação mas antes permitir-nos aprofundar os ensinamentos da nossa comunidade de fé. É claro que os ensinamentos variam e será necessário admitir múltiplas interpretações possíveis. Uma escuta atenta é

fundamental, tal como uma compreensão baseada não sobre o meu ponto de vista, mas sobre a lógica e o quadro emocional de quem fala. Compreender não significa aceitar ou adoptar, mas apenas reconhecer.

O diálogo do pensamento é o mesmo em todo o lado e só varia segundo o ênfase posto num ou nouro aspecto da reflexão, dependendo de quem nele participa. Ao passo que os sábios mergulharão nos textos originais e na História, os responsáveis religiosos discorrerão sobre os dogmas e os amigos do nosso exemplo talvez vão buscar um livro à biblioteca para compreender um pouco melhor a sua religião e as dos outros. Os intercâmbios conduzirão a diferendos e a demarcações. «Posso ir contigo até aqui, mas não mais adiante». Mas também ajudarão a identificar os pontos de convergência possíveis. Idealmente, o diálogo do pensamento está ligado ao diálogo de vida: as actividades desenvolvidas em conjunto ajudarão a manter o equilíbrio entre as diferenças e os pontos em comum.

Neste ponto devemos destacar duas particularidades do Ocidente . A primeira advém do facto de se observar na civilização ocidental há já muito tempo uma atitude ambígua em relação à herança cristã. Nos nossos dias, muitos são os que sabem surpreendentemente pouco sobre a Igreja, os seus ensinamentos, a sua história, e que não conhecem a Bíblia. Há mesmo correntes de pensamento no Ocidente que negarão o facto (tão evidente para outros) de sermos todos legatários de uma herança religiosa.

Um ocidental tem assim uma dupla herança: tem uma ligação tanto com o velho Ocidente cristão como com o novo Ocidente da razão e da ciência que se construiu por reacção ao Cristianismo. Não reconhecer este facto pode causar uma divisão interna. Reconhecê-lo, pelo contrário, pode tornar-se uma vantagem mais do que um obstáculo. Um ocidental pode fazer uso do rigor intelectual inspirado na ciência para verificar que só comparamos o que é comparável e que estabelecemos paralelos onde estes existem verdadeiramente e não apenas onde parecem existir. Não se deveria, por exemplo, fazer o inventário do que é bom (ou mau) no Islão tendo apenas uma vaga ideia do que é bom (ou mau) no Cristianismo. Ora, muitas vezes agimos assim.

Por outro lado, o Ocidente põe o Islão numa categoria à parte relativamente às outras religiões. Os muçulmanos entraram em conflito com o Império Romano cristão quase desde o início e foi esse conflito que marcou em larga medida as civilizações islâmica e ocidental (a responsabilidade pelos erros é partilhada em igual medida). Os ocidentais sentem-se frequentemente desconfortáveis relativamente ao Islão. Colectivamente, somos habituados a considerarmo-nos inimigos e rivais. O terrorismo da actualidade, o colonialismo passado e o proselitismo a que os dois lados recorreram durante tanto tempo só reforça esta ideia.

O diálogo do pensamento deve necessariamente arrancar do caminho as ervas daninhas que a ignorância e a indiferença fizeram nascer. Isto não diz apenas respeito à maneira como olhamos os outros e como os outros nos olham, mas também à maneira como nos olhamos a nós próprios e como os outros se olham. É uma tarefa difícil mas necessária para o diálogo entre muçulmanos e cristãos.

Temos um exemplo concreto desse diálogo na obra do Instituto Henry Martyn em Hyderabad, na Índia. Este Centro Internacional de Investigação em Relações Inter-religiosas e em Reconciliação tem o nome de um célebre missionário inglês (Henry Martyn, 1781–1812) enviado para a Índia e também, durante algum tempo, para o Irão. Numa das suas viagens à Índia, desenvolveu conversas profundas com sábios muçulmanos. É também de realçar o facto de Hyderabad ser também a cidade onde reinou no século XVII o célebre dirigente muçulmano Tipu Sultan. Tendo em conta que este é para os muçulmanos o símbolo da resistência contra os Britânicos (contra quem combateu, tendo acabado por perder) e que Henry Martyn foi um homem que, mesmo sendo missionário, abriu caminho a um diálogo de paz, a presença do Instituto nesta cidade é um símbolo forte.

O Instituto apresenta-se como uma «organização ecuménica dedicada ao estudo objectivo e ao ensino do Islão, tal como à promoção de um diálogo inter-religioso com vista à reconciliação». Pela sua identidade cristã claramente afirmada e o seu desejo de compreender melhor o Islão, estimula os muçulmanos a também conhecer melhor os cristãos. O Instituto está envolvido tanto na educação para a paz ao nível universitário como em actividades sociais que põem em prática as teorias ensinadas. A busca intelectual está directamente ligada a um diálogo de vida e ao aprofundamento dos conhecimentos religiosos com um forte empenhamento pela paz.

A fé exprime-se por palavras. Neste processo, torna-se inevitavelmente um sistema de crenças regidas por uma lógica interna. No entanto, a fé também vai para além dessa lógica. Enquanto cristãos, falamos da graça, do dom de Deus de algo que de outra forma seria inacessível para os homens. Não há nada de mal nesta lógica da mente e neste sistema de crenças, desde que estejam abertos ao vento que vem de fora, à imprevisibilidade do Espírito de Deus. Desde que o Espírito perpasse este sistema de crenças, o diálogo é possível, permanece um diálogo de fé. Se o sistema tiver a sua razão de ser em si mesmo e for um sistema fechado e perfeito, torna-se ideológico. Nessa altura deixa obviamente de haver espaço para o diálogo, as relações ficarão reduzidas ao simples domínio da negociação.

3º círculo: um diálogo dos corações

Devemos deixar agora os sábios e os amigos à volta da mesa e virarmo-nos para uma outra forma de diálogo inter-religioso. «Diálogo dos corações» pode parecer um pouco romântico, mas não é - «coração» refere-se aqui menos ao ponto de origem dos sentimentos e mais ao «coração» tal como descrito pelos profetas do Antigo Testamento. Na sua boca, a palavra indica o âmago do ser humano, o seu centro vital, o sítio onde reside a verdade. O diálogo do pensamento, se for um diálogo com sentido, levará os participantes até muito próximo deste âmago. Nesse momento as palavras deixarão de ter razão de ser e acabarão.

Seja qual for a nossa religião, admiramo-nos e espantamo-nos perante o mistério da nossa existência. Todos sentimos a profundidade espiritual e a beleza da criação. Perante o enigma do nosso nascimento e da nossa morte, somos todos iguais. Será então possível partilhar esta experiência e construir algo a partir daí?

Trata-se de uma questão delicada. Já vimos que é possível trabalharmos juntos e falarmos uns com os outros. Estaremos a dizer que também é possível rezarmos juntos? Muitos poderiam sentir-se mal em dar este passo e teriam boas razões para isso.

Quando rezamos, entramos no âmago da nossa religião. Cada vez que um muçulmano se ajoelha para rezar, professa a sua fé. O cristão dirige interiormente o seu olhar para Cristo. Ainda que as suas orações exteriormente possam ter semelhanças, interiormente afirmam as suas diferenças.

Por outro lado, a oração une-nos à comunidade dos crentes. A menos que seja inteiramente pessoal e silenciosa, a oração é litúrgica, segue um modelo específico estipulado pela tradição e usa palavras carregadas de sentido cujas raízes remontam às Escrituras e que exprimem a essência da profissão da fé. É difícil de imaginar convidar alguém que não partilha a nossa fé a viver esta experiência de comunidade.

No entanto, também não se pode dizer que não exista uma base comum. Podemos, sem dúvida, considerar que as pessoas são facilmente vítimas da ilusão ou da ignorância e encontrar neste facto uma explicação para a surpreendente diversidade de religiões existentes. Todas as grandes religiões procuraram, contudo, explicar porque é que também existe santidade e justiça verdadeira fora de si, na vida espiritual dos crentes de outras tradições.

Se admitirmos a existência de santidade e de verdade nas outras religiões, como somos convidados a fazer, o valor exclusivo da nossa própria fé é posto em questão. Deixa de ser, de facto, a única resposta. Aos nossos

olhos continuará, no entanto, a ser a melhor resposta, a que melhor corresponde ao que observamos nos diferentes domínios da vida e à nossa experiência profunda da realidade.

Esta disposição de espírito abre a porta a uma experiência espiritual comum. Mesmo tendo percepções diferentes da verdade plena, aparentemente partilhamos pelo menos um certo número de intuições acerca dela. É muitas vezes ao nível de experiências intuitivas, poéticas e estéticas que nos sentimos próximos uns dos outros. Os cristãos podem identificar-se ao ler Jalaluddin Rumi, um dos maiores poetas místicos do Islão, tal como acontece com os hindus ao ler Mestre Eckhart ou com os sufis perante os escritos de São João da Cruz. Os cristãos do Bangladesh utilizam poemas escritos pelo grande escritor hindu de cultura bengali Rabindranath Tagore e escritos do muçulmano Nazrul Islam como hinos litúrgicos.

Já mencionámos a proximidade entre o diálogo dos corações e o diálogo do pensamento. No entanto, a distinção entre os dois é vital.

O diálogo dos corações é um bocadinho como estar com alguém numa praia em silêncio perante a imensidão do mar e o mistério do que está para além dele. As diferenças que podem existir entre as duas pessoas parecem insignificantes, pelo menos por instantes. A comparação é arbitrária, uma situação equivalente poderia ocorrer numa sala de estar após uma conversa particularmente profunda. Este tipo de experiências não tem nada a ver com a natureza, embora frequentemente esta ajude a abrir o nosso espírito à contemplação silenciosa. É mais a consciência de não se estar só, a consciência de uma presença amorosa que desperta em nós um desejo intenso. É o que exprime com muita intensidade a poesia mística de todas as religiões.

A partir do momento em que tiramos conclusões intelectuais a partir destes momentos de proximidade, dizendo, por exemplo, que todas as religiões são, afinal de contas, uma mesma e única realidade e que os dogmas têm pouca importância, caímos numa discussão estrutural. Substituir o diálogo do pensamento por intuições silenciosas, por muito acertadas que sejam, ainda não é diálogo dos corações. Esta substituição não funcionaria aliás pelo simples facto de as intuições silenciosas deixarem de o ser! A razão impor-lhes-ia a sua estrutura. A beleza e a força da poesia mística reside precisamente no facto de o seu autor ser incapaz de exprimir plenamente os seus sentimentos e o seu objecto divino, sendo impossível abarcar toda a extensão da sua experiência: há sempre mais e cada palavra carrega vários significados.

Visitas recíprocas a igrejas, mesquitas e templos são seguramente uma forma deste diálogo. A beleza destes locais históricos transmite uma mensagem espiritual ao mundo inteiro. Podemos dizer o mesmo da música e das artes plásticas. Não é que o muezim tenha sempre uma voz bonita, nem que a utilização de altifalantes, muitas vezes a torto e a direito, ajudem muito, mas quem já teve a sorte de ouvir um chamamento para a oração bem cantado perto de uma mesquita sabe até que ponto a sua beleza penetrante arrebatava aquele que o ouve.

Como é que se explica que a arte, quando atinge este nível de mistério, se torne universal e toque o fundo do coração? Segundo Aristóteles (que é também fonte de inspiração para os muçulmanos), a beleza perfeita coincide com a verdade perfeita. O diálogo dos corações torna-se um intercâmbio da beleza tal como é vista em cada religião.

Misteriosamente, estes raios de luz dão-nos uma visão mais clara da verdade. Mesmo que nos façam sair do sistema lógico do nosso sistema de crenças, parecem não o beliscar. Um muçulmano que aprecia Bach não fica menos muçulmano. Um cristão que se entusiasma perante a caligrafia árabe não fica menos cristão. Pelo contrário, ambos sentirão a sua fé reforçada. E quase de certeza que nenhum dos dois se sentirá atraído pelo extremismo religioso.

Um exemplo concreto e expressivo deste diálogo dos corações ocorreu durante o Dia Mundial de Oração pela Paz em Assis, no dia 27 de Outubro de 1986. Foi o Papa João Paulo II que tomou a iniciativa de convidar os representantes de todas as religiões do mundo a reunirem-se na cidade de São Francisco para rezarem juntos pela paz.

Os representantes das diferentes religiões já se tinham encontrado no passado – nomeadamente no Parlamento das Religiões em Chicago em 1899 –, mas nunca para rezar a uma só voz. Com este convite o Papa João Paulo II reconhecia a base espiritual comum a todos os seres humanos. «Com todas as religiões do mundo,» dizia ao dirigir-se à assembleia, «nós [cristãos] partilhamos um respeito comum e uma observância comum a esta consciência que nos ensina a procurar a verdade, a amar e a servir todos os indivíduos e povos e assim construir a paz entre as nações. Sim, tomamos consciência e obedecemos a essa consciência que faz de nós um elemento essencial na construção de um mundo melhor e em paz. Nem poderia ser de outra forma, uma vez que todos os homens e todas as mulheres deste mundo têm uma natureza, uma origem e um destino comuns»

Não houve oração em comum. As diferentes comunidades tinham locais de culto diferentes. Mas o objectivo daquele encontro – a paz –, tal como a convicção de que existia uma realidade espiritual que constituía um terreno comum a todos fizeram daquele encontro um exemplo único de diálogo de corações. «Sim», continuava o Papa, «há uma dimensão de oração que na grande diversidade de religiões tenta exprimir a comunicação com uma força que está acima de todas as forças humanas. A paz depende dessa força, a que chamamos Deus, e que, enquanto cristãos, acreditamos ter-se revelado em Cristo.»

O diálogo dos corações é essencial, mas não é suficiente em si mesmo. O seu caminho é estreito e por vezes escorregadio. Este último círculo está ligado ao primeiro. Só dá fruto com uma condição: que a experiência da grandeza do mistério e do dom de Deus nos leve àqueles cujas vidas são marcadas pelo sofrimento e pela solidão. A experiência do coração deve refrescar e alargar o pensamento e levar à acção. Só assim o diálogo inter-religioso se realizará plenamente, não como um acto único, mas como um movimento contínuo.

O desafio de estar aberto

Vimos acima até que ponto o diálogo inter-religioso é desafiante. Em primeiro lugar, exige de nós uma acção comum, o que já de si é difícil de levar a cabo entre pessoas do mesmo meio. Em segundo lugar, exige que mudemos de perspectiva, ainda que apenas por instantes, para ver o que os outros vêem, para compreender simplesmente a sua posição. Fazer isto mantendo o nosso próprio ponto de vista nem sempre é fácil. Em terceiro lugar, exige que aceitemos o facto de os raios de luz divina incidirem sobre todos os povos e nações. A verdade é infinitamente mais vasta e profunda do que o meu espírito pode alcançar. Talvez devêssemos parar de dizer que conhecemos a verdade para dizer em vez disso que permanecemos na verdade. Tendo em conta os nossos espíritos inquietos constantemente tentados a ter e a controlar, isto reveste-se de uma certa exigência.

Antes de concluir esta breve caracterização do diálogo inter-religioso, falta mencionar dois pontos. O primeiro diz respeito a um problema específico do diálogo entre muçulmanos e cristãos.

O Islão tem a sua própria imagem de Jesus, tal como descrito no Corão. É uma personagem importante. Diz-se muitas vezes que no Corão Jesus é quem está mais perto de Deus, sendo o único, para além de Deus, que fala na primeira pessoa. Tem também um papel importante na piedade popular. Há muitas histórias que relatam os seus ensinamentos e os seus gestos circulam há séculos no mundo muçulmano. É também frequente entre os muçulmanos acreditar que será Jesus quem virá no fim dos tempos para julgar o mundo.

Isto pode parecer um ponto de convergência importante entre as duas religiões, e podemos dizer que é até certo ponto. O Jesus do Corão e o Jesus dos Evangelhos apresentam, no entanto, várias diferenças. Essas diferenças resultam da forma como o Cristianismo e o Islão compreendem o conceito de revelação.

A fé verdadeira é, segundo o Islão, a fé no Deus Único. Essa fé foi proclamada muitas vezes através da história da humanidade por diferentes profetas reconhecidos e respeitados, entre os quais Jesus. O maior dos profetas, Maomé, deixou um livro de inspiração divina, o Corão, como «guia» para os crentes. Depois de ele não virá mais nenhum profeta.

No Corão, Jesus rejeita como blasfêmia a sua equiparação e a da sua mãe a Deus (5, 116) e o próprio Deus declara que a crucificação só aparentemente aconteceu. Consequentemente, a noção cristã de um Jesus que é um com Deus e que morre para ressuscitar é negada no Corão e considerada um erro.

Como a imagem de Jesus, tal como surge no Corão, não coincide em pontos cruciais com aquela que se encontra nos Evangelhos, é preciso acreditar na verdade absoluta do Corão para lhe dar crédito. Na verdade, no Islão as ligações com as outras religiões não são estabelecidas em função das Escrituras de cada tradição, mas em função das Escrituras tal como são apresentadas no Corão.

Na tradição cristã não é assim. Nos Evangelhos, Jesus pretende ser a chave de interpretação das Sagradas Escrituras da tradição judaica. Apesar disto, estas não sofrem qualquer alteração (Lucas 24, 25-27). O contexto no qual a vida de Jesus faz sentido existe na história muito antes da sua vinda.

Embora devamos dar graças pela grande estima que o Corão tem por Jesus, é provavelmente melhor não insistir muito no Jesus «comum». De facto, a contrapartida islâmica de Jesus é o próprio Corão, a Palavra de Deus. Ainda que a sua importância seja evidente, os cristãos têm muitas vezes dificuldade em ter noção do papel muito específico que o Corão tem no Islão.

Da mesma forma, os muçulmanos têm muita dificuldade em compreender a que se refere a Igreja quando fala da Trindade. Um erro muito comum consiste em pensar que a Virgem Maria está incluída na Trindade. Além disso, o termo «Filho de Deus» é entendido no sentido físico e, deste modo, considerado no limite da blasfêmia. Muito poucos muçulmanos foram muito além disto relativamente ao que a Igreja ensina a respeito do mistério da Trindade.

Nestes dois casos, é importante não nos focalizarmos na apresentação intelectual dos factos, mas estarmos atentos à forma como estes dois temas de fé se traduzem na vida dos fiéis. Há um sério risco – que para o diálogo pode ser fatal – de se ficar a um nível categórico, a martelar que um dado livro é santo ou que um determinado dogma é assim e não pode ser de outra forma! A santidade do Corão ou o mistério da comunhão do Deus trino só tocará o crente de uma outra religião se estes se manifestarem para além e independentemente das palavras, na nossa maneira de agir e nos nossos gestos, e que estes possam ser imediatamente reconhecidos como vindo do coração, esse lugar secreto nas profundezas do nosso ser onde habita Deus.

O segundo ponto é de natureza diferente. O diálogo inter-religioso não é um substituto da vida espiritual. Aquele que procura todo o seu alimento espiritual no diálogo ou que mergulha constantemente em diferentes tradições perder-se-á rapidamente e corre o risco de acabar ressequido.

Muitos dos que tiveram a experiência de participar em orações inter-religiosas – onde se canta o que é aceite por todos, onde as leituras são tiradas de diferentes Escrituras, etc... – sentiram a sua insuficiência a longo prazo. Todos temos uma morada espiritual e é importante voltar a ela com regularidade. O desafio não será antes abrir as portas dessa morada de par em par e fazer com que o diálogo nela tenha o seu lugar?

Em Mymensingh, a nossa identidade cristã é muito clara. Isso parece deixar muitos dos muçulmanos que acompanhamos à vontade. Dão valor o facto de rezarmos com frequência e sabem quem somos. Não se sentem ameaçados por isso. Desde que os acolhamos tal como são, estão dispostos a acolher-nos tal como somos e assim podemos desenvolver projectos em conjunto. Num encontro tão autêntico e que nos transforma tanto, não é possível não acreditar que Cristo está presente.

Copyright © Ateliers et Presses de Taizé 2012